

***cabana . fogueira***

**Sara Belo**

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes  
CIEBA – Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes  
[sarasbelo@gmail.com](mailto:sarasbelo@gmail.com)

**Resumo**

*cabana . fogueira* é o título de uma instalação de pintura que proponho como abertura a uma reflexão em torno da palavra-problema *fragilidade*.

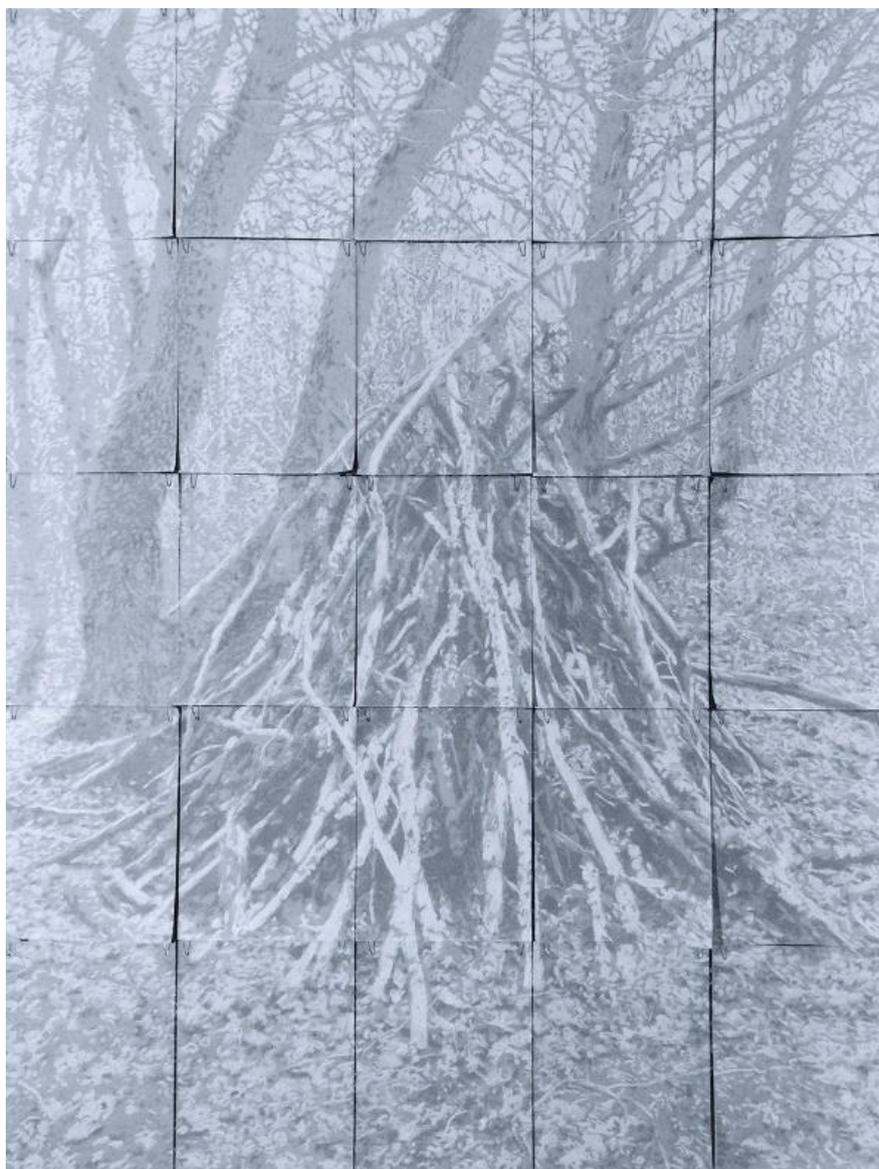
**Palavras-Chave:** pintura; instalação; fragilidade



**Figura 1.** vista da exposição *the moving north* (Maxilla Space, Londres, 2018), onde a instalação *cabana . fogueira* esteve exposta.



**Figura 2.** *cabana* (2018), pastel de óleo s/ papel vegetal, 93x125,5 cm.



**Figura 3.** *fogueira* (2018), pastel de óleo s/ papel vegetal, 93x125,5 cm

### Memória Descritiva

O processo criativo desta instalação perseguiu a intuição de que a potência que subjaz a qualquer movimento, do mais subtil ao mais portentoso, coincide com uma extrema fragilidade: o *tudo pode acontecer* é indistinguível do *tudo pode não acontecer*.

Tal foi tentado, antes de mais, através da exploração dos materiais convocados, que contrasta a pintura a pastel de óleo com o suporte escolhido, pequenas folhas de papel esquisso que, em conjunto, formam a imagem. Este papel, muito leve e transparente, agita-se à mínima passagem de ar, comprometendo a integridade da imagem composta. Um corpo que passa, ou a corrente de vento que atravessa as portas da sala de exposição, activa a peça operando uma ténue ameaça de desintegração.

Se o pequeno formato das folhas que compõe as pinturas evoca a dimensão de um livro e as suas páginas singulares, a colocação em painel destas *páginas* traduz uma ideia de totalidade, em que o tempo não é vivido como uma sucessão de momentos que se desenvolve cronologicamente, mas como uma simultaneidade, sempre à mercê do vento. Por fim, os tons de cinza claro contribuem para a vivência de uma fragilidade, evocando a sensação de uma imagem ainda em formação.

Constituindo o ponto de partida, as condições materiais ditaram a escolha das imagens representadas. O título *cabana . fogueira* é literal, tanto na enunciação dos objectos representados, como na coincidência dos mesmos num único referente: uma pilha de ramos e galhos encontrada no meio de um bosque, fotografada de dois pontos de vista distintos. *Cabana* e *fogueira* articulam-se assim para aprofundar o pensamento da potência, da fragilidade e da inseparabilidade de possibilidades aparentemente contrárias. A cabana, originalmente construída por pastores e caçadores durante as suas incursões na natureza (agora reapropriada pelas crianças, que a erguem por brincadeira), constitui um abrigo, mas também a possibilidade, a lenha, para um incêndio. As

chamas, por sua vez, são destruidoras, mas também transformadoras e regeneradoras, abrindo novas vias para a transformação da vida. Com efeito, a afinidade entre as palavras *cabana*, enquanto habitáculo, e *fogueira*, encontra-se na própria evolução da linguagem, uma vez que *fogo* vem do latim *focus*, que originalmente designava o lugar do fogo sagrado no interior de uma habitação, reportando-se exclusivamente a este tipo singular de lume (o termo utilizado para a generalidade dos vários tipos de combustão era *ignis*). Com a passagem do tempo, no entanto, a palavra *focus* veio não só substituir *ignis*, na sua aplicabilidade abrangente, mas a ser empregue, também, para designar o lugar da totalidade da habitação (e não apenas o nicho onde ardia o fogo sagrado), pois *fogo* é também, actualmente, sinónimo de *casa*. Assim, o refúgio onde nos abrigamos para nos preservarmos contém em si a possibilidade da sua própria consumação e de uma exposição à alteridade total. Por sua vez, a chama dá lugar às cinzas, que vêm fertilizar a terra e potenciar o brotar de novas árvores, novas construções, nova lenha. Entre estas duas imagens, a cabana e a fogueira, o tempo não pára. O tempo corre sempre, metamorfoseando os objectos e os seres, revelando os seus paradoxos.

Nota: em Março de 2018, *cabana . fogueira* integrou a exposição *the moving north*, um projecto do colectivo humor líquido (Ana Mata, Anabela Mota, Catarina Domingues, Marta Castelo, Nádía Duvall, Sara Belo, Teresa Projecto) com curadoria de Ana Carolina Rodrigues, que esteve exposto no espaço *Maxilla Space*, em Londres.